

## O “estar-no-mundo-entre-mundos”: o exílio em *Rio-Paris-Rio*, de Luciana Hidalgo

Bolsista: Isadora Porto Rodrigues (UFRGS)

Orientadora: Gínia Maria Gomes (UFRGS)

Projeto: O romance do século XXI: trânsitos, migrações e exílio

### Introdução:

Em decorrência da Ditadura Militar que se instaurou no Brasil no ano de 1964, a personagem do romance decide sair de seu país e ir morar na França. Para a protagonista, que vivencia a sensação de não-pertencimento, o exílio decorre de questões familiares, já que seu avô era militar e um dos articuladores do golpe. Com o propósito de minorar a perda do que ficou para trás devido à separação, junta-se a um grupo de exilados brasileiros e através deles tenta manter-se próxima de seu país.

### Objetivos:

- ❑ Este estudo tem por objetivo analisar a difícil condição de exilada da personagem narradora do romance.
- ❑ Pretende-se verificar a atitude da personagem de se juntar a um grupo de exilados brasileiros.

### Metodologia:

O estudo do romance se fundamenta nas análises dos textos teóricos de Edward Said e Maria José de Queiroz acerca dos temas exílio e pertencimento.

### Referências:

HIDALGO, Luciana. *Rio- Paris-Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

QUEIROZ, Maria José de. Migrações e emigrações. As viagens. O exílio. In: \_\_\_\_\_. *Os males da ausência, ou A literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

### Conclusões parciais:

A análise permitiu o entendimento da condição de exilada de Maria, personagem narradora, que deixou sua terra natal por conta do golpe militar de 1964. Notou-se que a fratura estabelecida entre a protagonista e seu lugar de origem é incurável. Situação essa que vai ao encontro dos estudos de Said (2003, p. 46) sobre como experienciar e “superar a dor mutiladora da separação”. Também percebeu-se esse sofrimento em Maria e em seus companheiros, todos eles exilados em Paris naquela década.

O convívio com outros jovens exilados serve para amenizar o sentimento de alienação e de perda. De alguma maneira, estar cercado de elementos culturais e pessoas que remetem à identidade do país de origem enfraquece a sensação de não pertencer àquele novo lugar: “Os nacionalismos dizem respeito a grupos, mas, num sentido muito agudo, o exílio é uma solidão vivida fora do grupo” (SAID, 2003).

O impedimento de regressar é uma forte marca do exílio, por isso muitos personagens buscam compensar o que ficou para trás criando um mundo para se sentirem integrados, recorrendo às artes e ao universo político e intelectual. Ainda que haja êxito, esses exilados continuam a sentir sua diferença e recusam-se a pertencer a outro lugar que não o de onde vieram.